

**Teorização Portuguesa do Jornalismo até 25 de Abril de 1974 – Ficha de obra**

<b>Autor</b> TANCREDO DE MORAIS, Capitão de Mar e Guerra A. N.		<b>Ano de elaboração (caso não coincida com ano de publicação)</b>	<b>Ano de publicação/impressão</b> 1941
<b>Título completo da obra</b> <i>Comemoração do Tricentenário do 1º periódico Português “Gazeta” de 1641.</i>			
<b>Tema PRINCIPAL</b> História do jornalismo.			
<b>Local de edição</b> Lisboa	<b>Editora (ou tipografia, caso não exista editora)</b> Separata da <i>Revista Militar</i> impressa na Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra.		<b>Número de páginas</b> 12
<b>Cota na Biblioteca Nacional e noutras bibliotecas públicas</b>			
<b>Biblioteca:</b> Biblioteca Nacional		<b>Cotas:</b> H.G. 36315 V.	
<b>Esboço biográfico sobre o autor</b> Militar da Armada Portuguesa. Nasceu em 1882. Escreveu monografias sobre a Marinha de Guerra portuguesa, a Casa da Índia e as relações China-Portugal ao tempo dos Descobrimentos.			
<b>Índice da obra</b> [Não tem índice.] 1. Estudos de Alfredo da Cunha sobre a <i>Gazeta</i> : pp. 1-2 2. A época da Restauração: pp. 2-4 3. Análise da <i>Gazeta</i> : pp. 4-12			
<b>Resumo da obra</b> Tancredo de Moraes (1941) classifica a <i>Gazeta</i> “da Restauração” como sendo “Moderada na linguagem, minuciosa nas informações, escrupulosa na busca da verdade, citando muitas vezes a origem [das informações]”. Para ele, a <i>Gazeta</i> reflecte as circunstâncias em que foi produzida e o pensar da época, pois “A imprensa periódica é sempre o reflexo, o			

espelho, da sociedade a que pertence. Será corrupta quando o meio (...) for corrupto; altiva, livre, patriótica onde o espírito público exija essas qualidades; violenta, grosseira, atrabiliária quando a demagogia perverter o sentimento. E o jornal que não corresponder ao sentir do público terá vida efêmera”.

O estudo de Tancredo de Morais, publicado na *Revista Militar*, tem por objecto as notícias bélicas do primeiro periódico português. Trata-se, no entanto, mais de um levantamento das notícias bélicas na *Gazeta* do que de uma análise das mesmas.

O autor começa por analisar a primeira notícia do primeiro número, que relata um combate entre a esquadra castelhana e a esquadra holandesa, que sob o comando de Gizels combatia pela Restauração da Independência de Portugal. A notícia termina com a retirada da esquadra holandesa para Lisboa, mas Tancredo de Morais recorda que enquanto essa flotilha estava fundeada no Tejo chegou a notícia dos primeiros combates entre portugueses e holandeses no Brasil, pelo que a frota holandesa acabou por regressar à Holanda, a pretexto de ir ajudar a combater os espanhóis na Terceira, temerosa do que lhe poderia acontecer se continuasse ancorada em Lisboa.

Relembra ainda Tancredo de Morais que durante o período em que a *Gazeta* foi publicada não se travaram grandes batalhas entre portugueses e castelhanos, com exclusão da batalha do Montijo, em território espanhol, portanto o periódico, na sua primeira fase (ou seja, antes da suspensão da publicação), só dá conta das escaramuças de fronteira e incursões no território do adversário por parte de ambos os contendores.

O autor mostra, também, que a *Gazeta* dedicou particular atenção aos esforços diplomáticos realizados para a legitimação do novo poder, noticiando o envio de embaixadas à Suécia e à Santa Sé, embora, neste caso, a embaixada tivesse passado dificuldades devido à pressão espanhola junto do Vaticano, tendo havido, inclusivamente, escaramuças em Roma entre portugueses e espanhóis. No juízo de Tancredo de Morais, os esforços diplomáticos portugueses mostram o “talento e reconhecidas aptidões” de D. João IV para a diplomacia. Mais à frente, Tancredo de Morais constata que da *Gazeta* “constam (...) muitos factos, típicos da época e que ajudam poderosamente a conhecê-la e compreendê-la”. Justificando a sua tese, o autor relembra notícias sobre o Rei e a Família Real, solenidades religiosas, casos de polícia e justiça, um auto de fé, um duelo, a celebração da reconquista da ilha açoriana da Terceira aos espanhóis, a festa do primeiro aniversário da Restauração da Independência, etc. Porém, são as notícias militares o cerne da sua atenção: marinha de guerra, escaramuças de fronteira, etc.

O autor conclui: “verifica-se que o ascendente de toda a imprensa periódica portuguesa legou tradições comuns a todos os jornais”. Mas: “um jornal é sempre influenciado pelos acontecimentos e pelos personagens da época em que se publica”. Ora, como “a guerra estava na ordem do dia. Guerra em Portugal, guerra em toda a Europa”, então também necessariamente a *Gazeta* indiciava esse estado de coisas.

**Autor da ficha bibliográfica:** Jorge Pedro Sousa

**E-mail do autor da ficha bibliográfica:** [jorgepedrosousa@gmail.com](mailto:jorgepedrosousa@gmail.com)